



Instituto de Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai - IDEAU



RACI

REVISTA DE ADMINISTRAÇÃO E CIÊNCIAS CONTÁBEIS DO IDEAU

ISSN 1809-6212

Vol.5 - n.10 - Janeiro - Junho 2010

Semestral

Artigo:

COOPERATIVISMO DE CRÉDITO: UMA TENDÊNCIA

Autores:

Cristiano Schimmelfenig¹

¹ Bacharel em Administração – Habilitação em Comércio Exterior, Pós-Graduando em MBA Executivo- IDEAU.
schimmel_77@hotmail.com

COOPERATIVISMO DE CRÉDITO: UMA TENDÊNCIA

Resumo: Cooperativa de crédito é uma instituição financeira que, como outras, oferece serviços e produtos. O que diferencia de outras instituições comerciais, é que o cooperado é o dono desse "banco" e se beneficia dessa condição com juros mais baixos, rendimentos maiores e melhor atendimento. Este segmento de cooperativismo é uma realidade em todo o mundo, especialmente neste país. No Brasil, o cooperativismo de crédito experimenta um grande crescimento, bem como um forte avanço estratégico e organizacional, fato fundamental na ampliação de sua atuação no mercado financeiro do país. Diante do cenário econômico atual, onde o crédito tem se tornado cada vez mais restrito e escasso, surge uma nova percepção sobre o cooperativismo de crédito, suas vantagens e benefícios. Buscando alavancar seus negócios e, principalmente, conceder melhor atendimento e recursos a seus associados, surge uma nova tendência do cooperativismo de crédito: a fusão ou incorporação entre as cooperativas.

Palavras-Chave: Cooperativismo de crédito, mercado financeiro, associados, tendência.

Abstract: Credit union is a financial institution that, like other, offers services and products. What differentiates it from other commercial institutions; it's that the owner of this "bank" is the cooperated and this condition have benefits like low interests, high profits and better service. This segment cooperative it's a real in all world, especially in this country. Brazil's credit union proof a big increase, as well a strong strategic and organizational moves, which was fundamental in expanding it's presence in the country's financial market. In front of the current economic scenario, where credit has been become increasingly limited and scarce, a new perception about the credit union, it's vantagens and benefits. Seeking to leverage the business and, mainly, offer better services and resources for his associates, begins a new credit union tendency: the fusion or incorporation between cooperatives.

Key-words: Credit union, financial market, associated, tendency

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Cooperação é sinônimo de ajuda mútua. Vários são os indícios da criação do ato de cooperar. Alguns autores dizem que o cooperativismo nasceu na França, outros muitos na Inglaterra, outros vão além, informando que o cooperativismo nasceu na celebração da Última Ceia, onde Jesus repartiu o pão e deu vinho para seus seguidores comerem e beberem.

Partindo das palavras do *slogan* "Quem coopera cresce!"², podemos enaltecer que uma cooperativa foge completamente da lógica de um sistema capitalista. A ideologia, ou principal objetivo cooperativista contribui com valores extremamente democráticos de solidariedade, igualdade e prosperidade entre seus associados. As cooperativas inspiram um sentido social e democrático, onde os associados se beneficiam mutuamente, controlam e

² *Slogan* de publicidade da Cooperativa de Crédito Sicredi.

decidem sobre seu funcionamento. Num espírito de ajuda mútua, indivíduos solidários, uns com os outros, unem esforços, estabelecem vínculos e constroem um fim comum.

O autor Crúzio traduz muito bem o significado de que “cooperativa é uma união de pessoas, cujas necessidades individuais de trabalho, de comercialização ou de prestação de serviços em grupo, e respectivos interesses sociais, políticos e econômicos fundem-se nos objetivos coletivos da associação” (2005, p.07).

São vários os tipos ou modelos de cooperativas. Alguns: Cooperativas de Trabalho, de Produção, de Habitação, de Saúde, de Serviços, de Educação, de Mineração.

Além destes tipos de cooperativas, existem as Cooperativas de Crédito, as quais foram criadas para oferecer soluções financeiras aos seus associados, constituindo-se numa forma de acesso a produtos e serviços adaptados às suas necessidades e condições financeiras. O presente artigo visa abranger conhecimento e exposição de dados sobre este tipo de cooperativismo. Um modelo de cooperativa que passa por um momento singular, tanto em nosso país, quanto a nível mundial.

2 O QUE É UMA COOPERATIVA DE CRÉDITO?

Uma cooperativa de crédito assemelha-se a um banco. Possui produtos e serviços como um banco qualquer. É uma instituição financeira formada por uma associação de pessoas, com forma jurídica própria e de natureza civil.

Constitui basicamente da formação de um grupo de pessoas, que juntos, objetivam satisfazer sua ambição, necessidade e aspiração econômico-financeira. Pessoas se associam em busca de facilidades quanto a suas atividades econômicas. Buscam a prestação de serviços mais simples, o que acaba se tornando mais vantajoso para o associado. Vantajoso, como por exemplo, a liberação de um crédito para financiamento agrícola com menos burocracia e com juros bem menores dos exigidos pelos bancos.

Quanto ao conceito de cooperativa de crédito, é essencial que esta promova a defesa e a melhoria da situação econômica dos cooperados, quer obtendo para eles os mais baixos custos nos bens e serviços que necessitam, quanto colocar no mercado, a preços justos, os bens e serviços que produzem (FRANKE, 1973, apud SCHARDONG, 2003, p. 81).

Nas palavras de Pagnussatt,

Cooperativas de crédito são sociedades de pessoas, constituídas com o objetivo de prestar serviços financeiros aos seus associados, na forma de ajuda mútua, baseada em valores como igualdade, equidade, solidariedade, democracia e responsabilidade social. Além da prestação de serviços comuns, visam diminuir desigualdades sociais, facilitar o acesso aos serviços financeiros, difundir o espírito da cooperação e estimular a união de todos em prol do bem-estar comum (2004, p. 13)

Diferente de um banco público ou privado, as cooperativas de créditos podem ser controladas pelos seus próprios associados. Este associado, além de fazer parte de um conselho ou diretoria pode fazer parte do planejamento da sua cooperativa. Cada associado, independente do valor de sua cota capital dentro da cooperativa, possui o direito a um voto.

Alguns objetivos e vantagens de uma cooperativa de crédito podem ser vistos abaixo:

- Concessão de juros abaixo dos praticados pelo mercado;
- Desenvolvimento de espírito de grupo, de ajuda mútua;
- O associado pode dirigir, controlar e, até mesmo, planejar ações da cooperativa;
- Aplicação dos recursos obtidos no desenvolvimento do município e/ou região;
- Menor custo em suas operações, comparando-se aos bancos;
- Livre admissão e processo fácil de abertura de conta;
- Atendimento personalizado;
- Participação nos resultados com a distribuição de sobras;
- Cada associado dispõe de um voto, independente do valor em cota capital.

Tão distinta é a Cooperativa de Crédito que às suas operações e serviços não se aplicam os dispositivos do Código de Defesa do Consumidor. Os negócios jurídicos internos das sociedades cooperativas, chamados de atos cooperativos, decorrem da condição de proprietário e usuário que ostenta o cooperado. Seria ineficaz se o cooperado reclamar dele próprio, uma vez que aderiu ao estatuto social da sociedade, o qual estabelece os direitos e responsabilidades dos sócios pelos negócios da cooperativa.

Nas palavras de Schardong,

A Cooperativa de Crédito, enquanto espécie do gênero “cooperativa”, objetiva promover a captação de recursos financeiros para financiar as atividades econômicas dos cooperados, a administração das suas poupanças e a prestação dos serviços de natureza bancária por eles demandada (2003, p. 82).

Pergunta-se: Por que as cooperativas de crédito são mais vantajosas do que um banco para o cooperado? A fiel resposta são os objetivos diferenciados entre estas instituições financeiras. As cooperativas não têm fins lucrativos e trabalham em prol aos interesses dos seus associados, com isso, podem cobrar taxas e juros menores, além do que, as sobras excedentes do resultado são distribuídas entre todos os associados. No caso dos bancos, eles públicos ou privados, objetivam o lucro. Contudo, as taxas, os juros e a burocratização são maiores. Não esquecendo de que o lucro não é dividido entre os correntistas.

Além disso, os autores Ricciardi e Lemos conceituam o cooperativismo como uma forma de melhorar a situação econômica e de qualidade de vida de seus membros,

O cooperativismo utiliza um método de trabalho conjugado, ao mesmo tempo em que pode ser visto como um sistema econômico peculiar, em que o trabalho comanda o capital. É que as pessoas que se associam cooperativamente são as donas do capital e as proprietárias dos demais meios de produção (terras, máquinas, equipamentos, instalações e outros), além de serem a própria força de trabalho. Como essa disposição de se associarem tem o objetivo de realizar um empreendimento que venha a prestar serviços mútuos, é óbvio que essa união busca a elevação dos padrões de qualidade de vida desses associados (2000, p. 58).

Contudo, verificamos que o cooperativismo prega a questão da ajuda mútua entre seus membros. Há o predomínio do trabalho em relação ao capital. Diferentemente de outras instituições financeiras, o risco e a gestão da empresa dependem exclusivamente do trabalho.

3 HISTÓRICO DO COOPERATIVISMO DE CRÉDITO

Há indícios de que as primeiras cooperativas surgiram entre os anos de 1820 e 1845 na França e Inglaterra. No princípio, estas cooperativas funcionavam como entidades beneficentes e sindicatos.

No findar do ano de 1844, na cidade de *Manchester* na Inglaterra, 28 tecelões (27 homens e uma mulher) fundaram a Sociedade dos Probos Pioneiros de *Rochdale*, em inglês, *Society of Equitable Pionners*. Estes pioneiros, moradores do Bairro *Rochdale*, resolveram economizar, uma libra por pessoa, por mês, no prazo de um ano.

Naquela época, não era o lucro que esta sociedade objetivava, e sim, os tecelões buscavam combater o capitalismo ganancioso. Sofriam muito com a exploração da jornada de

trabalho, com salários extremamente baixos, com o desemprego que crescia consideravelmente e com os preços abusivos que eram praticados pelo mercado.

Pagnussatt em suas palavras nos diz que esta mesma sociedade foi formada com “(...) o objetivo de comprar em comum os bens de consumo doméstico, comprar ou construir casas, iniciar a fabricação de artigos e adquirir ou arrendar campo (...)” (2004, p. 13). O pioneirismo, que foi considerado como deboche por parte dos comerciantes, rendeu tal sucesso que outros grupos acabaram aderindo à idéia. Nascia naquele momento um novo padrão econômico, dando início a um movimento cooperativista.

Em nosso país, o cooperativismo de crédito teve início em 1902, mais especificamente em 28 de dezembro. A história do Cooperativismo de Crédito brasileiro tem nome e lugar. Como a data nos diz, há mais de um século atrás, o Pe. Theodor Amstad trouxe para o Rio Grande do Sul, uma idéia inovadora. Juntamente com seu trabalho social e missionário, o padre foi responsável pela propagação dos ideais cooperativos, primeiramente, na cidade de Nova Petrópolis.

De acordo com Schardong,

O Cooperativismo de Crédito chegou ao Brasil, trazido da Europa pelo Padre Theodor Amstad, com o objetivo de reunir as poupanças das comunidades de imigrantes e colocá-las a serviço de seu próprio desenvolvimento. (...) foi em Linha Imperial, município de Nova Petrópolis, que o Padre precursor constituiu formalmente a primeira Cooperativa da espécie, em 28 de dezembro de 1902 (2003, p. 63).

Agricultores, imigrantes europeus, através de companhias de colonização, desembarcavam no Estado com toda a disposição de trabalhar. Ao chegar, deparavam-se com uma ilusão do que esperavam. As terras ficavam em localidades de difícil acesso, muito longe dos grandes centros. Os terrenos para plantio eram íngremes ou em pequenos vales, o que dificultava as operações de plantio e colheita de seus produtos. Não terminando por aí, não haviam incentivos de crédito para compra de insumos, muito menos para estruturação de novas técnicas e tecnologias para a agricultura.

Em sua obra, Santos escreve que muitos colonos acabavam buscando empréstimos com financistas da região, o que muitas vezes não acabava bem,

Sendo assim, quando se tornava indispensável a obtenção de recursos, estes geralmente eram obtidos com empréstimos junto a financistas mas abastados da região. A usura acabava por fazer com que muitas dívidas fossem acumuladas e/ou acrescidas de juros exorbitantes, levando honestos trabalhadores a perderem suas terras para honrar compromissos (2005, p. 14 e 15).

Foi aí que Pe. Theodor Amstad contribuiu com suas idéias. Após conquistar a confiança dos agricultores, implementou a primeira cooperativa de crédito. Nos dias atuais, conhecida como Sicredi Pioneira.

Conforme Santos,

(...) Amstad seguiu trabalhando com seu ideal pelo estado, ajudando a formar mais 41 cooperativas no Rio Grande do Sul. Tão importante quanto sua missão de trazer uma possibilidade de desenvolvimento sustentado, harmônico e democrático, o pároco contribuiu para o fortalecimento do sentimento de comunidade, em que a união dos indivíduos traria benefícios a todos (2005, p. 15).

Ainda sobre o cooperativismo de crédito, Schardong escreve em sua obra,

Impulsionada pela obstinação do seu precursor, a idéia do Cooperativismo de Crédito se materializou em mais de 60 instituições espalhadas pelo Rio Grande do Sul. Constituídas sob a denominação de Caixas União Popular Raiffeisen, essas organizações tornaram-se representativas no financiamento das atividades das comunidades interioranas colonizadas por imigrantes europeus, especialmente na década de cinquenta (2003, p. 63).

Foi o Estado do Rio Grande do Sul que teve a responsabilidade de promover o desenvolvimento econômico (1964), cujo projeto implicava profunda reforma no SFN³. Diante de uma nova ordem econômica, em que o Estado brasileiro passaria a subsidiar o desenvolvimento agropecuário e industrial, as Cooperativas de Crédito foram submetidas a algumas restrições operacionais, o que acabou por extinguir a maioria das cooperativas.

Passado um tempo, no princípio dos anos 80, surgiu a idéia de elaborar um sistema alternativo de financiamento aos produtores rurais. Tal idéia foi exposta pelo Sr. Mário Kruehl Guimarães, que na época era Vice-Presidente da Fecotriga⁴.

³ Sistema Financeiro Nacional: é um conjunto de instituições financeiras direcionadas para a gestão da política monetária do país.

⁴ Federação das Cooperativas de Trigo e Soja.

Para alcançar tal objetivo, o novo precursor buscou inspiração nos modelos de financiamento agropecuário dos países europeus, onde novamente as Cooperativas de Crédito aparecem como principais instituições financeiras a serviço das comunidades.

Nos anos 80, com a nova política monetária do governo Sarney, nada menos do que 99% das cooperativas de crédito operaram com prejuízo.

Reforçando sobre a política monetária do governo Sarney, cita-se as palavras de Santos,

(...) o Presidente da República José Sarney e seu ministro Dílson Funaro instituíram um plano econômico emergencial, no intuito de conter a inflação. O chamado Plano Cruzado tinha por meta a estabilidade dos preços, através da adoção de uma nova moeda (o Cruzado) e o “congelamento” dos valores de produtos comercializados no país. Com a abrupta queda dos índices de juros, as cooperativas foram seriamente afetadas nas suas operações, passando a operar com prejuízo (2003, p. 57).

Desde sua implantação, o cooperativismo de crédito teve altos e baixos. Em 1986, ocorreu a chamada “nova era”, onde alguns cooperativistas, com muito trabalho e empenho, trouxeram elementos de modernidade aos novos tempos do sistema. Mas foi em 1992, com a transformação da COCECRER-RS⁵ em Sicredi que houve a maior revolução do cooperativismo de crédito no Brasil. Havia a necessidade de grandes mudanças sistêmicas para o fortalecimento do cooperativismo de crédito. Estudos da época apontavam a necessidade de implantação de modelos sistêmicos europeus.

De acordo com Santos, foram três,

(...) o francês, o “ser” cooperativa, ou seja, ter no modelo de sociedade cooperativa o diferencial competitivo; o modelo alemão a questão do controle e autofiscalização; e o modelo holandês a relação com o mercado, a ser desenvolvida por um banco cooperativo. Sendo assim, a utilização de elementos comuns (marca, modelos administrativos, *lay-out*, entre outros) seria a plataforma pela qual a instituição lançaria os moldes para um crescimento fantástico (2003, p. 72 e 73).

Contudo, com a transição para a marca Sicredi, surgiram todos os elementos necessários para desenvolvimento contínuo e acelerado do cooperativismo de crédito brasileiro.

⁵ Cooperativa Central de Crédito Rural do Rio Grande do Sul Ltda. Objetivava reestruturar o sistema e assumir parte das funções do Estado quanto ao financiamento rural.

4 TENDÊNCIA

Atualmente, não podemos analisar a evolução da economia brasileira sem descartar a evolução das cooperativas de crédito, pois estas são grandes fornecedoras de tendências da economia do país. Podemos dizer que algumas evoluções que as cooperativas de crédito vêm apresentando ao longo dos anos, claramente, devem ser fortalecidas nos próximos anos. Dentre estas evoluções destacam-se: os aspectos organizacionais, diretivos, de avaliação e principalmente os aspectos estratégicos. Com base nestes aspectos, podemos destacar, visivelmente, o fortalecimento do nível de concorrência entre as cooperativas de crédito e demais instituições financeiras. Devido ao diferencial proposto pelas cooperativas de crédito, compreendemos a agressiva luta dos bancos em busca das folhas de pagamentos de servidores públicos de prefeituras, de hospitais, de indústrias e, também, de cooperativas, com ofertas tentadoras de compra. Podemos dizer que atualmente é uma das máximas propostas pelo mercado. Caso a concorrência esteja propondo um risco a sua liderança, compre-a.

Segundo o artigo do Sebrae⁶, “Cenário de expansão para as cooperativas de crédito”,

Para se consolidar como parte cada vez mais importante do sistema financeiro nacional, o segmento conta com um aliado de peso, o próprio presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Ele não perde a oportunidade de deixar claro para a população as vantagens do cooperativismo em geral e do cooperativismo de crédito em particular. O presidente diz sempre que não medirá esforços para ampliar a participação do cooperativismo de crédito no sistema financeiro nacional, como forma de torná-lo mais voltado ao atendimento de segmentos produtivos e aumentar o acesso da população ao crédito e a serviços financeiros. Lula se mostra um apaixonado pelos princípios cooperativistas de gestão democrática e solidária. A flexibilização das regras para formação de cooperativas de crédito teve início no final do governo passado (http://www.mte.gov.br/pnmpo/Cooperativismo_de_Credito.pd, p. 07)

Conforme dados extraídos do site www.cooperativismodecredito.com.br, o Brasil é hoje, o 18º país no mundo com maior expressão no cooperativismo de crédito, ficando atrás de países como: Holanda, China, EUA, França, Áustria, Finlândia, Índia, Tailândia, entre outros. Baseando-se da mesma fonte, as cooperativas representam cerca de 13% das unidades de atendimento do país ao tempo que os ativos totais administrados pelas mesmas representam apenas 3% do total. Estes dados demonstram os desafios e o potencial de mercado a ser explorado pelas cooperativas de crédito.

Em dezembro de 2009, haviam 1.394 cooperativas de crédito espalhadas pelo país, depositadas basicamente em 5 sistemas de crédito: Sicoob, Sicredi, Unicred, Ceced e

⁶ Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas.

Ancosol. Juntos, os sistemas possuem cerca de 4.2 milhões de associados e um patrimônio líquido de aproximadamente R\$ 8.7 bilhões. Estes mesmos sistemas detêm aproximadamente 56% dos ativos administrados entre as cooperativas de crédito do Brasil. De acordo com balanços mensais enviados pelo Banco Central às instituições de crédito, os ativos totais administrados ultrapassam o montante de R\$ 68,7 bilhões no ramo crédito, o que dá o sistema cooperativo de crédito o 10º lugar entre as maiores instituições financeiras do país.

Podemos dizer que em proporção aos bancos, as cooperativas de crédito ainda são pequenas. Mais de 50% das operações de crédito realizadas, foram abaixo de R\$ 3 mil reais no ano de 2008. Mas a presente realidade é de que as quase 1.500 cooperativas que surgiram, foram organizadas e estruturadas no interior do país vêm, aos poucos, envolvendo os grandes centros urbanos, concretizando o fenômeno tendente do mercado financeiro nacional – o cooperativismo – protagonizando o surgimento de uma legião de brasileiros “donos” do próprio negócio. O número de associados atuais não é expressamente um valor absurdo, mas o que impressiona é a tendência, ou seja, praticamente dois terços do montante de associados ingressou no ramo cooperativista de crédito a partir do ano de 2002.

Um fator importante para o desenvolvimento sustentável das cooperativas de crédito é o impulso que o Governo está dando para o agronegócio brasileiro. Também, esse crescimento se deve ao fato de que as cooperativas são dispensadas de alguns tributos federais, podendo oferecer créditos e serviços a custos mais baixos que outras instituições financeiras. Um estudo da OCB⁷ realizado no final do ano passado sustenta que, em média, as taxas das cooperativas de crédito em 2008 ficaram abaixo das praticadas por bancos públicos e privados e financeiras em operações como empréstimo pessoal (diferença de 59%), cheque especial (18%), cartão de crédito (43%), capital de giro (48%) e desconto de recebíveis (46%).

Um outro atrativo das cooperativas está sendo o de exigir menos garantias no momento da liberação do crédito. No segundo semestre de 2008, enquanto a maioria dos bancos fechava a torneira do crédito para fugir do risco, as cooperativas aproveitaram para avançar. Em dezembro do mesmo ano, na comparação com junho, haviam emprestado 18,6% a mais. E sem riscos maiores. No final do ano, a inadimplência superior a 180 dias não excedia 1,83%.

Muito se fala em fusões de cooperativas. Para o Presidente do Bansicredi, Ademar Shardong, uma cooperativa precisa ter pelo menos 15 mil associados, caso contrário, ela

⁷ Organização das Cooperativas do Brasil.

estará abaixo da escala mínima para operações. É com este tamanho mínimo que as cooperativas irão trabalhar para alavancar recursos e atender bem os seus associados. Diante disto a perspectiva é de um crescimento de 2% para 10% na representatividade das cooperativas de crédito perante o SFN.

O maior exemplo da tendência de fusões entre cooperativas é a criação do Sicredi União, na cidade de Maringá/PR. Resultou da fusão entre três cooperativas da região. Hoje, o Sicredi União é constituído de mais de 34,6 mil associados divididos em 57 municípios, considerado o maior sistema de cooperativas de crédito do Brasil.

A fusão ou incorporação entre as cooperativas de crédito no Brasil é uma tendência. Observa-se esta crescente entre janeiro de 2008 e junho de 2009, com uma média de duas incorporações por mês, contra menos de uma entre os anos 2003 e 2007. Contudo, são movimentos tímidos e na maioria das vezes decorrentes de solução de última instância para dificuldades que atingiram níveis insuportáveis. Entretanto, de maior relevância, é o processo de incorporações preventivas de forma a evitar riscos de continuidade e o aprofundamento de problemas que, em momentos futuros, podem mesmo inviabilizar soluções.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cooperativismo de crédito nasceu pequeno e tímido como forma de ajuda mútua entre pequenos agricultores do interior do Estado do Rio Grande do Sul. Hoje, este sistema que nasceu pequeno, faz uma grande diferença nos dados do nosso sistema financeiro. As cooperativas de crédito estão em quase todas as regiões do Brasil, contribuindo hoje, para prosperidade, não apenas do pequeno agricultor, mas também, dos médios, dos grandes, de empresas, de outras cooperativas e de muitas pessoas situadas em diversas cidades do país.

Podemos claramente dizer que é incontestável o crescimento deste sistema. Cada vez mais os brasileiros estão buscando opções de créditos e outros produtos e serviços mais baratos do que os oferecidos por bancos públicos ou privados. Isto vai além. Estes brasileiros estão se tornando donos de seu próprio negócio, contribuindo e alavancando o crescimento das cooperativas de crédito em todo o território brasileiro. É um fenômeno concreto e tendente.

As cooperativas de crédito estão mudando o sistema financeiro do país. Os dados expostos neste trabalho são uma prova disto. Além de sólido, este é um sistema que possui respaldo do Governo e de órgãos de apoio a empresas.

Embora grande, a perspectiva é de um crescimento sólido e sustentável movido por pessoas cada vez mais exigentes e capazes de discernir sobre as melhores ofertas de produtos e serviços que as cooperativas de crédito predispõem a seus associados.

REFERÊNCIAS

CRÚZIO, Helnon de Oliveira. **Como organizar e administrar uma cooperativa**. 4 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

ESBER, Eugênio. **A multiplicação dos banqueiros**. Revista Amanhã de 23 de Nov. de 2009. Disponível em: <http://www.amanha.com.br/NoticiaDetalhe.aspx?NoticiaID=41c95802-a2fc-43d9-ad0a-bb2c73f32de1>. Acesso em 12 de Maio de 2010 às 24:07h.

PAGNUSSATT, Alcenor. **Guia do cooperativismo de crédito – organização, governança e políticas corporativas**. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2004.

RICCIARDI, Luiz; LEMOS, Roberto Jenkins de. **Cooperativa, a empresa do século XXI: Como os países em desenvolvimento podem chegar a desenvolvidos**. São Paulo: LTr, 2000.

SANTOS, João Carlos de Los. **Os 25 anos da retomada do Cooperativismo de Crédito Brasileiro**. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2005.

SCHARDONG, Ademar. **Cooperativa de crédito: instrumento de organização econômica da sociedade**. 2 ed. Porto Alegre: Rigel, 2003.

Artigo **Cooperativismo de Crédito no Brasil**. Disponível em: <http://www.cooperativismodecredito.com.br>. Acesso em 10 de Maio de 2010, às 24:00h

Artigo **Diferenças entre as Cooperativas de Crédito e os Bancos**. Disponível em: <http://www.cooperativismodecredito.com.br>. Acesso em 10 e 11 de Maio de 2010, às 23:30h

Artigo **A importância do Cooperativismo**. Disponível em: <http://www.cooperativismodecredito.com.br>. Acesso em 12 de Maio de 2010, às 24:30h.

Artigo **Cenário de expansão para as cooperativas de crédito**. Disponível em: [http://www.mte.gov.br/pnmpo/Cooperativismo de Credito.pdf](http://www.mte.gov.br/pnmpo/Cooperativismo%20de%20Credito.pdf). Acesso em 02 de Maio de 2010, às 23:20h.